

# O MARXISMO E A PESQUISA EDUCACIONAL BRASILEIRA DAS DÉCADAS DE 1970-1980

Bolsista SAE/UNICAMP: RICARDO PEREIRA – 046205

Orientadora: MARA REGINA MARTINS JACOMELLI

Unidade: DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Vigência: Agosto/2007 – Julho/2008

## INTRODUÇÃO

Em meados da década de 1970, surge uma produção educacional no Brasil cuja tônica é sua forte inserção histórica, marcada inicial e fundamentalmente pela crítica aos governos militares que se sucederam ao golpe de abril de 1964. Um exame sumário da literatura concernente à produção cultural desse período nos permite verificar que não se trata de um fenômeno fortuito: a entrada dos anos 1980 é configurada pela emergência “de um novo pensamento social de oposição, explicitamente reclamando-se de esquerda” (Netto, 1990: p. 103). Embora não fosse a única matriz teórico-política a enformar tal elaboração intelectual, é um fato notável o que Pécaut(1990) qualifica de “triunfo do paradigma marxista”(p.259), tornando-se um meio de obtenção de uma identidade coletiva. Esta hegemonia – alcançada graças a um conjunto de fatores de ordem conjuntural – corresponde ao momento em que os estudos marxistas basicamente restringiam-se ao âmbito da academia, após um passado diretamente vinculado às organizações propriamente políticas, marcado inicialmente pelo monopólio do Partido Comunista Brasileiro, passando em seguida pelo “vazio” cultural durante o período mais duro da ditadura, no bojo do processo de profissionalização da intelectualidade brasileira. É no interior desse movimento que, em meio ao processo de abertura política, extrapola o âmbito da contestação ao regime militar, assumindo um nítido caráter anticapitalista, que situa-se o objeto deste trabalho. Ele examina aquela vertente educacional que, buscando tácita ou explicitamente inspiração na obra de Marx e na tradição cultural marxista, emerge e consolida-se nesse período – recebendo as marcas e enfrentando todas as adversidades que tipificaram aqueles anos da nossa história recente.

## 1. BREVE HISTÓRIA DA RECEPÇÃO DAS IDÉIAS MARXISTAS NO BRASIL

Abordar a incidência marxista no específico campo educacional requer que situemos, ainda que sumariamente, o acúmulo da discussão marxista no Brasil. Estabeleçamos como ponto inicial desse percurso a revolução de outubro de 1917. No período anterior praticamente inexitem referências ao pensamento de Marx no Brasil, o que pode ter uma dupla explicação: o fato de uma parte significativa da obra marxiana ter vindo a público somente com a fundação do Instituto Marx-Engels, na década de 1920, e porque é a vitória dos bolcheviques, conferindo materialidade às proposições do socialismo revolucionário, que dá novo impulso à tarefa de internacionalizar a revolução. No bojo deste movimento, organiza-se o Partido Comunista Brasileiro (PCB), cujos intelectuais serão os responsáveis pela “elaboração teórica, política e ideológica” da “precária acumulação do pensamento marxista no Brasil” até meados da década de 1950 (Netto, 1990, p.106), após o XX Congresso do PCUS (Partido Comunista da União Soviética) com a divulgação do relatório secreto por parte de Krushev três anos após a morte de Stalin. Em meio a uma profunda crise, seguida anos depois pela cisão dos comunistas, inicia-se o processo de desestalinização do PCB. Podemos identificar, a partir da

segunda metade dos anos 1950 e início dos anos 1960, duas grandes fontes de difusão do pensamento marxista uma vez rompido o monopólio do PCB. Instituições situadas fora do campo político-partidário, como o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), especialmente com Álvaro Vieira Pinto e Nelson Werneck Sodré, e acad micas, como o caso da Universidade de São Paulo (USP), em especial os Seminários sobre Marx, capitaneados por Florestan Fernandes: e mesmo iniciativas situadas na órbita de influência do PCB, mas independentes, como   o caso da Revista Brasiliense, de Caio Prado Jr., começam a ocupar um importante espaço na produ o marxista. Esse processo de acumula o do pensamento marxista   interrompido pelo golpe de Estado de abril de 1964. Os anos que se seguem são denominados por Alceu Amoroso Lima de vazio cultural: o debate cessa no âmbito acad mico, esvaziado e severamente controlado, e a veicula o do pensamento marxista fica virtualmente restrita às organiza es de esquerda clandestinas, no contexto da forma o de quadros. Com as mudanças no cenário político, de reorganiza o das forças oposicionistas na década de 1970, a discussão marxista retorna ao âmbito acad mico. Aquelas institui es que congregavam os intelectuais banidos do sistema educacional público passam a assumir um papel nuclear no interior do pensamento oposicionista.  , pois, na esteira deste processo de reestrutura o oposicionista que o campo educacional organiza-se;   dentro desse travejamento político-cultural – com a presença destacada do marxismo com sua dupla face na academia que surge o pensamento educacional que busca inspira o em Marx e na tradi o marxista.

## 2. INTELECTUAIS E REESTRUTURA O OPOSICIONISTA NO BRASIL PÓS-64

Marcado por drásticas mudanças nas rela es Estado-oposi o, a segunda metade da década de 1970   um momento de grande convulsão social no Brasil. A busca de novas bases de legitima o política por parte da autocracia burguesa, após a falência do padrão de expansão econ mico conhecido como o milagre brasileiro, juntamente com a valoriza o da alternativa institucional no campo oposicionista, após o traumático esmagamento da resistência armada, abre um período de relativo equilíbrio político.   bem verdade que se tratava de um equilíbrio frágil: as regras sempre foram impostas pela autocracia burguesa, que elege setores da oposi o (fra es do MDB e da Igreja Católica) como interlocutores privilegiados – denominada por Alves (2005) de oposi o de elite – e reprime duramente os segmentos combativos mais   base. No tocante às entidades que alcançam proje o política e científica no período da reestrutura o oposicionista, destacam-se seguramente duas: o CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), entre as institui es isoladas de pesquisa, e a PUC-SP dentre as universidades. Todavia, a institui o que nos interessa mais de perto   esta última – não somente pelo papel assumido na luta pela liberaliza o política, quanto pela sua importância no meio educacional. Em virtude das condi es propiciadas pela posi o assumida pela Igreja Católica no interior das forças oposicionistas, encontrava-se em condi es excepcionais para transformar-se, no campo cultural, em uma referência nacional na resistência e combate ao regime militar. Nesse mesmo período, a PUC-SP d  uma cartada decisiva para consolidar sua posi o de vanguarda acad mica – na dire o da profissionaliza o: ao acolher intelectuais de expressão – retornando do exílio, aposentados compulsoriamente ou sem espaço para trabalhar em suas institui es de origem, via de regra, públicas – a universidade transforma-se no locus privilegiado de cria o, de produ o do conhecimento (que subsidiaria as lutas oposicionistas). Particularmente,   o seu setor de p s-gradua o que se destaca, transformando-se em referência nacional.

### 3. PRODUÇÃO EDUCACIONAL BRASILEIRA DAS DÉCADAS DE 1970-1980

Não podemos desconsiderar a importância de alguns esforços prévios que, de certa forma, podem ser considerados pré-condições para a consolidação daquela produção de inspiração marxista que irá surgir na PUC/SP. Tal elaboração intelectual guarda estreita relação com as exigências políticas da época – meados da década de 1970: na busca de fundamentação para a crítica da gestão da educação por parte dos governos militares, diversos estudiosos do campo voltam suas atenções para o seu necessário enquadramento histórico, daí resultando o surgimento de um conjunto heterogêneo de trabalhos de investigação historiográfica, entre os quais incluem-se alguns de qualidade indiscutível. No âmbito acadêmico, é o momento da gradativa retomada do debate após os anos mais duros de controle e repressão nas instituições universitárias. Do ponto de vista do pensamento marxista, tal retomada é feita em meio à moda ‘reprodutivista’. Destacamos como importantes trabalhos do período, “Educação e Dependência” de Manfredo Berger, “História da Educação no Brasil (1930/1973)”, de Otaíza Romanelli, “Escola, Estado e Sociedade”, de Barbara Freitag, “Política Educacional no Brasil” e “Educação e Desenvolvimento Social no Brasil”, ambos de Luiz Antonio Cunha, “Introdução à história da educação brasileira” e “História da Educação Brasileira: a organização escolar”, ambos de Maria Luísa Santos Ribeiro, “Educação e estrutura social: a profissionalização em questão”, de Mirian J. Warde e “Capitalismo e Educação”, de Wagner Rossi. Ultrapassado o período de retomada do debate educacional e de produção desse conjunto pioneiro de trabalhos buscando inspiração no pensamento marxista, segue-se um momento de maior efervescência, tendo por núcleo o recém-inaugurado programa de doutorado em Educação da PUC/SP, capitaneado por Dermeval Saviani. Fazem parte do primeiro grupo de alunos do doutorado: Antonio Chizzotti, Betty Antunes de Oliveira, Bruno Pucci, Carlos Roberto Jamil Cury, Fernando José de Almeida, Guiomar Namó de Mello, Luiz Antonio Cunha, Mirian Jorge Warde, Osmar Fávero e Paolo Nosella. E em grupos posteriores, estarão nomes como Maria Luísa Santos Ribeiro, José Luis Sanfelice, José Carlos Libâneo, Gaudêncio Frigotto, Paulo Ghiraldelli Jr. e Maria Elizabete Sampaio Prado Xavier. A produção desse grupo emerge em meio a uma avaliação corrente entre os educadores, de que, sintonizado com o momento que o país atravessa – marcado pela abertura política e com o próprio clima contestatário que dominava a academia – impunha-se a necessidade de superar a fase da denúncia e propor alternativas concretas para a educação, por dentro do Estado. A exigência de intervenção, assim posta, tem, visivelmente, duas conseqüências: de uma parte, há uma tentativa de coordenar as investigações, de modo a garantir a maior abrangência temática possível; de outra, a busca de um referencial teórico-metodológico que melhor se adequasse a tal propósito. A postura intervencionista que marca profundamente a forma de operar do grupo encontra na obra de Antonio Gramsci o substrato para as suas investigações. A maioria dos estudiosos dos problemas educacionais que seguiam a orientação marxista até então afirmavam que à escola estava reservada a função de reproduzir desigualdades sociais, na medida em que contribui para a reprodução da ideologia das classes dominantes e mesmo para a reprodução das próprias classes sociais, inculcando códigos, símbolos e valores das classes dominantes. Gramsci não nega a função reprodutora da escola. Mas seu pensamento tem um compromisso com a transformação da sociedade, e ele procura encarar a escola como uma instituição que, é certo, produz o conformismo e a adesão, mas, dentro de certas condições, pode trazer um esclarecimento que contribui para a elevação cultural das massas. Indubitavelmente existe uma contradição interna nesse processo de desenvolvimento cultural, mas o filósofo entende que é possível superar

esse conformismo e essa adesão, na medida em que as classes subalternas, uma vez de posse dos códigos das classes dominantes transmitidos por uma escola eficiente, venham a saber manipulá-los contra a ordem dominante. É preciso, pois, saber se apoderar desses instrumentos impostos de cima para baixo e transformá-los em armas de luta. O trabalho de Carlos Roberto Jamil Cury, “Educação e Contradição”, é um texto emblemático, talvez o mais importante produto do grupo de doutoramento da PUC-SP. Em primeiro lugar pelo combate às teorias da reprodução então em moda. Em segundo lugar porque estabelece as bases metodológicas para as investigações do grupo na direção da intervenção, ou, conforme o próprio autor, para uma ação transformadora (1985, p.7).

## BIBLIOGRAFIA

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Lisboa: Presença; Martins Fontes, 1980.

ALVES, Maria Helena. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. Petrópolis: Vozes, 2005.

BERGER, Manfredo. *Educação e dependência*. São Paulo, Rio de Janeiro: Difel, 1980.

BOURDIEU, P. & PASSERON, J. C. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro, Francisco Zahar, 1975.

CARONE, E. *O Marxismo no Brasil: das origens a 1964*. Rio de Janeiro, Dois Pontos, 1986.

COUTINHO, C.N. & NOGUEIRA, M.A. (orgs.) *Gramsci e a América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

CUNHA, L. A. *Política educacional no Brasil: a profissionalização do ensino médio*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1977.

\_\_\_\_\_. *Educação e desenvolvimento social no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

CURY, C.R.J. *Educação e Contradição*. São Paulo, Cortez, 1985.

FREITAG, B. *Estado, escola e sociedade*. São Paulo, Moraes, 1979.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

KONDER, L. *A derrota da dialética (a recepção das idéias de Marx no Brasil até o começo dos anos trinta)*. Rio de Janeiro, Ed.Campus, 1988.

MELLO, Guiomar N. de. *Magistério de 1º grau: da competência técnica ao compromisso político*. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1982.

- MARX, K. *Crítica da educação e do ensino*. Lisboa, Moraes, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- \_\_\_\_\_ & ENGELS, F. *Obras escolhidas*. São Paulo, Alfa-Ômega, s/d.
- MELLO, G.N. de. *Magistério de 1º grau: da competência técnica ao compromisso político*. São Paulo. Cortez/Autores Associados, 1982.
- MORAES, J. Q. de (org). *História do marxismo no Brasil*. Campinas, Editora da Unicamp, 1995.
- NETTO, José Paulo. *Ditadura e serviço social*. São Paulo: Cortez, 1990.
- NOSELLA, P. *A escola de Gramsci*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.
- PÉCAUT, D. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo, Ática, 1990.
- REIS Filho, D.A. & SADER, E (orgs). *História do marxismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- RIBEIRO, M.L.S. *Introdução à história da educação brasileira*. São Paulo, Cortez & Moraes, 1978.
- \_\_\_\_\_. *História da educação brasileira: a organização escolar*. São Paulo, Cortez & Moraes, 1979.
- ROMANELLI, Otaíza. *História da educação no Brasil (1930/1973)*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- ROSSI, W. *Capitalismo e Educação: contribuição ao estudo crítico da economia capitalista*. São Paulo, Cortez & Moraes, 1980.
- SAVIANI, D. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Educação brasileira: estrutura e sistema*. São Paulo: Saraiva, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Escola e democracia*. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1991.
- WARDE, M.J. *Educação e estrutura social: a profissionalização em questão*. São Paulo, Cortez & Moraes, 1979.